

## A Valorização da Cultura Cuiabana na Prosa de Silva Freire

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina de Aguiar Campos<sup>1</sup> (Cefet-MT)

### Resumo:

*A década de 1970 caracterizou Mato Grosso como fenômeno migratório, fruto da política do governo militar, que visava ocupar os “vazios demográficos” do Centro-Oeste e do Norte brasileiros. Os textos em prosa de Benedito Sant’Ana da Silva Freire, ainda pouco conhecidos e de grande valor literário, constituem um gênero híbrido denominado por ele “croni-contos” e registram detalhes do cotidiano de populações mato-grossenses em um tempo que antecede as grandes mudanças ocorridas na região. Ele, junto com Wladimir Dias Pino, buscou valorizar a tradição cultural da Baixada Cuiabana, explorando linguagens de vanguarda em seus textos. Esta comunicação fará uma rápida leitura da prosa freiriana e tecerá reflexões sobre a tensão tradição x rupturas no contexto da Baixada Cuiabana.*

**Palavras-chave:** Literatura mato-grossense, Baixada Cuiabana, cultura, tradição oral, Silva Freire.

### Introdução

Este artigo resulta de um trabalho de pesquisa que realizou, em 2007, um levantamento de textos em prosa do escritor mato-grossense Benedito Sant’Ana da Silva Freire, ainda pouco conhecidos e divulgados, embora muito importantes para a cultura e literatura mato-grossenses, notadamente a cuiabania<sup>1</sup>. A busca levou-nos: ao Arquivo Público do Estado – jornal *Correio da Imprensa*, décadas de 1970-1990, um dos periódicos onde Silva Freire publicava seus textos em prosa e alguma poesia; aos livros já esgotados, ilustrados e diagramados por Wladimir Dias Pino; a revistas; e originais datilografados e de próprio punho, gentilmente disponibilizados por sua família.

**1 Do material levantado, foi editado um livro – *A Japa e outros croni-contos cuiabanos* (FREIRE, 2008) – composto por 27 textos selecionados nos quais se observa a magnitude da prosa freiriana. Ele, sem dúvida, é um dos grandes nomes de nossa Literatura. A seguir, apresentaremos Silva Freire e sua obra, comentaremos sua participação em movimentos literários de vanguarda nacional e daremos a conhecer um pouco de sua prosa<sup>2</sup>.**

### 1 Biobibliografia

Benedito Sant’Ana da Silva Freire nasceu em Mimoso-MT, a 20 de setembro de 1928, mas foi registrado em Cuiabá. Graduiu-se em Direito, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Entre diversos cargos e funções, foi contínuo, auxiliar judiciário, escriturário, oficial de diligência substituto da Justiça do Trabalho, em Cuiabá, São Paulo e Rio de Janeiro; conselheiro da Caixa Econômica Federal, em Mato Grosso; delegado regional do SAPS e SENAM (extintos); professor do Dept<sup>o</sup> de Direito da UFMT; presidente do Tribunal de Justiça Desportiva da FMD (extinta); conselheiro, presidente da Comissão de Exame e vice-presidente do Conselho Seccional da OAB-MT; presidente do Instituto dos Advogados Mato-grossenses. A ascensão profissional a partir de um posto modesto contribuiu com a acuidade no registro amplo de aspectos culturais da Cuiabania, em diferentes estratos sociais.

---

<sup>1</sup> A palavra *cuiabania* envolve, além de Cuiabá, todos os municípios cuja imbricação histórica e geomorfológica permite uma aglutinação identitária.

<sup>2</sup> Nota-se que Silva Freire é conhecido em Mato Grosso como poeta de vanguarda, no entanto sua prosa ainda é pouco divulgada.

Foi também secretário geral da União Metropolitana dos Estudantes; presidente do Diretório Central dos Estudantes das Faculdades Independentes; diretor do Departamento de Cultura da UNE; presidente do Teatro Universitário Brasileiro (1956-1959); diretor-redator da revista *Movimento* (1957-1959), da UNE; do jornal *O Roteiro*, da AME-MT; e da página universitária do jornal *O Semanário*, no Rio; membro do Clube de Poesia da cidade de Campos-RJ. Fundou o Grêmio Literário Lamartine Mendes, os jornais *Arauto da Juvenília*, *Vanguarda Mato-grossense*, *Saci* (1949) e *Sarã* (1951), em Cuiabá, e *Japa*, no Rio. Escreveu nos jornais: *Tribuna Liberal*, *O Social Democrata* e *Folha Trabalhista*, de Campo Grande; *O Momento*, de Corumbá; *Folha Mato-grossense*, *Correio da Imprensa*, *O Estado de Mato Grosso* e revista *Esquema*, de Cuiabá. Fundou e dirigiu os suplementos literários: *Poemas e Letras*, no jornal *Equipe*; e *Proposta*, no jornal *Folha da Serra*, de Campo Grande. Promoveu, com outros parceiros, eventos e peças de teatro, em Cuiabá e no Rio de Janeiro; como advogado, atuou em inúmeras causas sociais.

Publicou *Paisagem Além do Homem* (Igrejinha, [195-]); *Silva Freire – Social, Criativo, Didático* (UFMT, 1986); *Barroco Branco* (Fundação Cultural de Mato Grosso/Ed. Amazônia, 1989); *Depois da Lição de Abstração* (Separata da Revista da Academia Mato-grossense de Letras, 1985); *Trilogia Cuiabana*, volumes 1 e 2, organizada por Wladimir Dias Pino, (UFMT, 1991); 13 Cadernos de Cultura, em páginas avulsas; *Águas de Visitação* (1979), reeditado em 1980 (Edições do Meio); 1989 (Adufmat-UFMT); e 2002 (Lei Estadual de Incentivo à Cultura); *A Japa e outros croni-contos* (Carlini&Caniato, 2008).

## **2 Silva Freire, Wladimir Dias Pino, o Intensivismo (1948-1952) e o Concretismo (1953-1962)**

O Intensivismo foi um movimento literário precursor da Poesia Concreta e de outros movimentos literários de vanguarda internacionais que surgiu em Cuiabá-MT, no início da década de 1950, cujo mentor foi Wladimir Dias Pino e do qual Silva Freire participou ativamente, bem como Rubens de Mendonça e Othoniel Silva. Aos poucos, outros poetas se aproximaram do movimento, como Dias da Cruz, José Lobo, Lopes de Brito, Newton Alfredo, Amália Verlangieiri, Agenor Ferreira Leão e Antonio Costa.

Na época, Mato Grosso era um Estado periférico com relação aos grandes centros brasileiros e possuía uma cultura singular assentada na tradição oral, com fortes raízes indígenas e intensa atividade cultural.

Silva Freire é o maior poeta etnográfico mato-grossense, conhecido, por isso mesmo, como “poeta telúrico”. Tornou-se o grande parceiro de Wladimir em experimentações diversificadas, a ponto de serem apelidados de “Cosme e Damião”. Juntos, eles criaram o jornal *O Arauto*, cuja função inicial era de sondagem e que preparou lentamente o ambiente para a ‘Festa dos Novos’, na Academia Mato-grossense de Letras, um evento que se tornou marco decisivo na separação entre os jovens modernistas e os acadêmicos que, na época, produziam textos predominantemente romântico-parnasianos. Na Festa, foi lançado o *Manifesto Intensivista*, anunciando uma nova ordem literária que se colocava contra os dogmas do academicismo que reinava em Mato Grosso.

Seus textos em forma de manifestos eram publicados em jornais, cujos nomes sempre mudavam, refletindo a inquietação experimental dessa geração e conscientemente espelhando seus avanços. Dessa forma, depois de *O Arauto* surgiu *Sacy* e, em seguida, *Sarã*. Esses periódicos foram os primeiros ilustrados com xilogravuras em impressões sobrepostas e coloridas, trazendo várias inovações para uma tipografia mais viva.

Um fato interessante é que a xilografia necessita de madeira seca para a impressão das imagens, coisa que não havia em Cuiabá. Aliás, as dificuldades de impressão eram enormes e Wladimir, inúmeras vezes, lançou mão de muita criatividade para conseguir publicar poemas em lingua-

gem inovadora, inventando e improvisando suportes. No caso da xilogravura, chegou a utilizar papelão em substituição à madeira.

Em 1948, ele começou a divulgar suas xilogravuras. Por causa da linguagem avançada para a época, tiveram grande repercussão local. Na ocasião, o escritor João Antonio Neto comentou que elas estavam tendo uma enorme aceitação, pelas revelações extraordinárias do talento que evidenciavam, e que Wladimir era “a mais original formação mental da nova geração mato-grossense”.

Wladimir e Silva Freire foram fazer faculdade no Rio. Nessa fase, apareceram em Mato Grosso, cheios de dinamismo, Dias da Cruz, José Lobo e Lopes de Brito que, imediatamente, fizeram circular o suplemento literário *Tribuna das Letras* do jornal *O Estado de Mato Grosso*, desenvolvendo o trabalho preparatório do qual resultou *Alguma Poesia dentro da Noite*, homenagem póstuma a Jorge de Lima, somente com gente nova.

A dupla também desenvolveu um novo suplemento no jornal *O Roteiro Mato-grossense*, órgão oficial da Associação Mato-grossense de Estudantes Universitários.

Em fins de 1951, era importante que surgisse uma editora própria do movimento. Ao compreender que os jovens modernistas, mesmo sem saber, criaram entre si um clima de confiança a ponto de se plagiarem e compreendendo ainda que a afinidade de idéias num grupo artístico cria, naturalmente, uma “panelinha”, Wladimir sugeriu o nome de “Igrejinha” para sua editora.

Pelas Edições Igrejinha foram lançados, de Wladimir Dias Pino: *Os Corcundas* (1954), *A Máquina que Ri* (ou *A Coisa em Si*) (1955), *A Ave* (1956) e *Poema Espacial* (1957). Do poeta Dias da Cruz, foram publicados *Poemas* (1956) e *Mural Submerso*. De Silva Freire, *Paisagem além do Homem*; *Poemas*, de José Lobo, e *Estrela de Sangue*, de Lopes de Brito, entre outros.

No Rio de Janeiro, buscando reunir o grupo de vanguarda, organizaram e lançaram *Japa*, que, além de aproveitar a maioria dos intelectuais novos em luta, fez a divulgação de um vocabulário regional que entrou na berlinda nacional e divulgou a cultura mato-grossense; e prepararam a exposição permanente de artes plásticas e coisas de Mato Grosso na “baiúca” da rua Correa Dutra, 72, no Catete, pensão que hospedava estudantes mato-grossenses e vizinha da Associação Mato-grossense de Estudantes Universitários (AME), desenvolvendo uma conexão entre Mato Grosso e Rio de Janeiro, na ocasião o maior centro cultural do país.

Para não se caracterizar como um movimento de direita, uma vez que a linguagem poética dos novos se aproximava muito das artes plásticas, consideradas na época “coisas de burguês”, em 1956, entrosaram-se no ambiente intelectual estudantil, quando Silva Freire se tornou o presidente do Teatro Universitário Brasileiro da UNE-Rio (1956-1959) e Wladimir ficou responsável pela revista *Movimento* (1957-1959), também da União Nacional dos Estudantes.

Eles realizaram, no Teatro Universitário, a ‘Noite de Arte Concreta’, com debates e poemas dos novos poetas, apresentando *Solida*, poema de Wladimir, em apresentações estatística, gráfica e tipográfica.

Juntamente com os poetas Ronaldo Azeredo e Ferreira Gullar, representando o Rio de Janeiro, e Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos, de São Paulo, Wladimir formou a equipe fundadora do movimento da Poesia Concreta, que se tornou internacional. Além dos poetas, 22 artistas plásticos (11 de São Paulo e 11 do Rio de Janeiro) participaram da Exposição Nacional de Arte Concreta, em dezembro de 1956, no Museu de Arte Moderna de São Paulo e, em fevereiro de 1957 (logo após as férias acadêmicas), no Ministério de Educação e Cultura, no Rio de Janeiro. Nota-se que houve a preocupação em promover um equilíbrio entre o número de participantes, justamente para não demonstrar a preponderância de um Estado sobre o outro, provavelmente porque já existia a famosa rivalidade entre Rio e São Paulo. O que realmente ocorria é que diversos poetas, em pontos distintos do país, estavam criando uma linguagem inovadora.

O trio paulista, que possuía maior contato com a mídia nacional, deliberadamente alterou a versão sobre o que foi todo esse movimento poético e, hoje, de modo equivocado, acredita-se que os três criaram a Poesia Concreta, em São Paulo, e Wladimir, Freire e outros não são sequer citados. A verdade histórica é que o movimento foi organizado no Rio de Janeiro, envolvendo poetas e artistas plásticos de diferentes localidades brasileiras, tendo como uma das principais vertentes o Intensivismo, de Mato Grosso. Diante disso, eles romperam definitivamente com os paulistas e Wladimir redigiu o manifesto *Nunca Mais*, registrando as razões da ruptura (PINO, [19--]):

A poesia concreta surgiu oficialmente em dezembro de 56, na exposição do MAM de São Paulo, sem a mínima repercussão. No ano seguinte (fevereiro de 57), aconteceu de forma estrondosa no Rio, complementando o acordo entre os participantes – 20 pintores e 6 poetas, em igual número do Rio e São Paulo. A realização foi possível graças ao equilíbrio de forças e não ao predomínio de um manifesto, onde ficaria demonstrada a existência de 4 correntes (1. Décio, Augusto e Haroldo – Os Noigandres / 2. Gullar / 3. Wladimir / 4. Ronaldo) que formavam o grupo de poetas. O sucesso transformou o evento em Movimento de caráter nacional e o grupo Noigandres começou a se apropriar dele através de artigos na imprensa. (A apropriação foi facilitada com o gesto de Ferreira Gullar, ao fundar posteriormente o Neoconcretismo.) Gullar tinha nas mãos o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil e contestou a orientação ‘fria e rigorosa’ que os Noigandres davam à sua teoria. Chamou-se este fato de divisão entre os grupos do Rio e São Paulo. Tratava-se do rompimento de um poeta, já que os outros dois do Rio não assinaram o documento Gullar-Jardim. E Wladimir já marcara posição independente por uma poesia espacial, para superar o impasse Gullar/Noigandres. Essa postura colocou Wladimir na delicada posição de não estar do lado da dramaturgia de Gullar, nem contente com a arbitrariedade corporativa dos Noigandres.

Sem acesso aos jornais, Wladimir viu-se impedido de publicar sua produção. Isso considerando *A Ave* e *Solida* como resultado do Movimento Intensivista, de Cuiabá (1948-52). Wladimir assim procedeu porque a divulgação da menor idéia possível impressa seria apropriada pelos Noigandres, através de sua ação junto à mídia. Aliás, o que aconteceu com Cassiano Ricardo, quando assinaram a página *Invenção* e depois o traíram.

Esteticamente, o Intensivismo propunha: uma unidade interior e vocabular do poema – palavras-eixo originando poemas-matrizes, criando autonomia para o verso; usar superposições de leitura em substituição da concreção da fala – poemas desmontáveis. Desse modo, os intensivistas propuseram um modo próprio de ler o poema, através de superposições.

Já o Concretismo propunha: a separação entre poesia (língua, palavra, tradução, estilo) e poema (linguagem, projeto, versão, contra-estilo); economia verbal extrema, valorizando e explorando as possibilidades da palavra; a atenção no uso do espaço físico e do papel como materiais inerentes ao poema (livro-poema); que o poema contivesse signos gráficos e não letras – sinalizar tornou-se mais importante que ler; a internacionalização da vanguarda brasileira.

Em meio a tantos experimentalismos, Silva Freire ficou conhecido em Mato Grosso como poeta concreto. Seus poemas caracterizam-se por serem geralmente longos, compostos em blocos com diagramação singular, registrando paisagens, costumes, pessoas e(m) ofícios, como o garimpeiro, o seringueiro, o oleiro, o vaqueiro, entre outros. Ele também explora o ritmo e a sonoridade do poema, bem como valoriza regionalismos e neologismos.

### **3 A prosa freiriana**

Além da poesia, Silva Freire produziu textos em prosa. Os experimentalismos levaram-no a propor um novo gênero híbrido, que denominou *croni-conto-poema*, porque muitos de seus textos dissolvem as margens sutis entre crônica e conto e, no corpo, aparecem blocos poemáticos – tipicamente freirianos – na boca de algum personagem ou do próprio narrador, o que constitui uma provocação para os estudiosos de gênero.

Um dado interessante sobre a sua produção é a presença de diferentes versões de um mesmo texto, provavelmente porque ele publicava em jornais, que definem a priori um número máximo de laudas, forçando o enxugamento do texto. Outra hipótese é a parceria com Wladimir Dias Pino, cuja didática de criação implica a produção em quantidade; no Poema Processo, por exemplo, a versão é um conceito importante.

Silva Freire é um dos primeiros autores mato-grossenses que, a partir do pioneirismo do corumbaense Lobivar de Matos, voltou sua atenção para o social, não apenas no sentido crítico de uma literatura engajada, mas a fim de registrar o cotidiano da cuiabania que ele amava, valorizando sua tradição oral: mais que resistência, um ato de amor. Ele possuía a habilidade de conviver com gente de todo tipo; circulava com desenvoltura por estratos sociais diferenciados registrando, pacientemente, detalhes que passariam despercebidos pela maioria. Por isso, um traço estilístico que o distingue é o caráter etnográfico de sua obra, configurando o que Geertz (1989) denomina “descrição densa”, expresso nas minuciosas caracterizações de ambientes, personagens e tecnologias tradicionais de uma cuiabania anterior às grandes mudanças que ocorreram no Estado em consequência, primeiro, da política desenvolvimentista da ditadura militar, a partir da década de 1970, e posteriores agenciamentos em função do agronegócio em expansão, sobretudo no norte e, marcadamente, após 1990.

No plano da linguagem, a tradição oral se faz presente no registro do dialeto cuiabano falado por personagens típicas, distintas do narrador, que geralmente utiliza a variante culta, o que cria um contraste interessante, realçando a singularidade deste falar. Regionalismos se mesclam/confundem com neologismos. A pontuação bem marcada nos longos parágrafos, aliada à sonoridade de poeta acostumado, expressa um fôlego curto, cria um ritmo gingado – de mascador de bocaiúva montado em canoa, rio abaixo-rio acima – que cadencia as narrativas evidenciando, simultaneamente, um traço ambivalente e manhoso da personalidade do cuiabano. Abaixo, como exemplo, um trecho do croni-conto A Japa<sup>3</sup>, que traz a história de um menino que vai a uma venda, a pedido dos pais, comprar mantimentos para casa. Para isso, teria que andar alguns quilômetros. Possuía um carrinho de mão que ele mesmo fizera especialmente para tarefas como esta:

[...] Seu carrinho de mão estava ali, no escondido, atrás da carroça nova de três burros, Camurça, Pipoca e Araçá, de seu Totico. Os animais de tração se fartando de capim-navalha misturado com broto de bocaiuveira, pasto de substância, no afino e brilho da pelagem. A carroça, guardada na guarda da serventia, que Zequinha arremedou seu Totico na ferração do rodado desse brinco de carroça: o que fez foi calçar a rodinha do carro de mão com tiras de folhas-de-flandres, cortadas d’uma lata velha de banha de porco, repregadas de tachinhas, cabeça chata, com que seu Bento, sapa-teiro, lhe agradeceu a lata d’água c’o açúcar do Despraiado. Na testa do carro pintou um V-8. Dividiu o espaço interno em compartimentos, como se fosse fôrma de fazer rapadura. Aqui atrás, nos varões, por causa dos calos secos, chumbou de cola e grude fortes dois pega-mãos de sola cilindrada, outro agrado de seu Bento, lembrança d’um favor antigo. E não se esqueceu da alça de couro macio de guaxo, presa nos cabos dos varões, que ele passava pelo pescoço, apoiada nos ombros, dando firmeza e um mais leve na distribuição das garrafas vazias que comprava e vendia na pechincha, ou na ajudança de seu pai, como servente de pedreiro, baldeando massa, ti-

<sup>3</sup> *Japa*: regionalismo cuiabano que significa uma quantidade extra de qualquer mantimento comprado com a qual o vendedor presenteia o freguês. No caso, o menino queria um pedaço de rapadura.

jolos e semelhanças. Afora isso, a providência vinha de luva, nos particulares das subidas, que a região de suas andanças, no Cerrado baixo, se ondulava, ondulando os segmentos serpejantes do sulco raso e pegadas dos pés sozinhos de Zequinha. Do seu invento, o que o beliscava era o brilho, chispando no sol, de frente da roda em movimento. Refletia uma dispersão de luz raiada que as lamparinas de sua casa nem igualavam, pelo escuro da fumaça dos pavios de algodão mal fiado. Sempre Zequinha pintava seu nome no carrinho, a carvão, sombreando as letras com os torrõezinhos tirados do pavio das lamparinas, e se divertia de pintar seu nome [...] (FREIRE, 1980).

É perceptível a importância que a infância e a adolescência assumem na prosa freiriana – tempo do prazer das “brincadeiras inventadas”, da falta de juízo, das danadezas e descobertas, mas também da interdição, da dureza/rudeza na lida e nas relações familiares e comunitárias.

Os experimentalismos de vanguarda se radicalizam em Iarôtátá, texto que adentra a esfera mítica de um universo provavelmente Bororo. Nele, é descrita a gestação de um ser hermafrodita, que pode ser interpretado como uma metáfora do próprio fazer poético de Silva Freire – visceral, frenético, rizomático, em constante mutação:

[...] — ...E foi num tempo após, beijando travessias. Inacabável. Tempo sem título. Lhe confio: o feito disso veio de-contado, chumbim por tím-tim. Mexeu por trás da disputa havida. Aí, o estrondão genesíaco, arrombador dos sustos... Sim, outro ato é-lo. Espesso muito para dissipar sentidos. Conto para que recontе futuros... Esses tais augúrios: nébulas nos espinhos. Escuros inchaços do tempo. Longínquo... Escândalo de tempo umbroso. Escandaloso tempo saído do érebo. E porque eu estava nas graças da quiliasma, andei na pala de ouvir. Senti glossolália no falar as secretas errâncias submersas. Errâncias eriçadeiras nos deslocamentos. Ourilhavam meandros. Naquele nosso corpo em conjugação, a criatura se fazendo, de estultícia agora desvestida. Vazios erectos percorriam insignificâncias. Então, sob o sol mais próximo e manhoso, de um meio-dia severo como testa quente, os berros da pança-da-terra se romperam da umidade dos escuros para estrondar na superfície afogada no terremoto... E se deu nos calombos das palmatórias do gravatazal, pelo inteiro espanto dos relhos encharcados. O formidável veio do Acima desses pantanais difíceis. Pela reparação, denotei por ele a energia do primeiro fim, reinstalada ali, num propósito de chicote empalhando quebrasuras. Já era o nome da Justiça, viajando. De amarros...  
Desencorpou-se dos conteúdos da ruindade tida quando se metamorfoseou nos idos hermafrodita-vegetal, — estou me lembrando, pela lembrança do milenarismo decorrido: foi o tempo das origens, diziam: naquele antes sorvido depois da doença, Iarôtátá embrenhou-se no charravascal para só deixar Bacôrôtátá reinar nos confins dos pólenes hereditários... [...]

#### **4 Considerações finais**

Na grande extensão territorial brasileira, há uma gama de escritores que produzem ou produziram uma literatura de alto quilate, que extrapola a contenção das fronteiras-rótulos “regional” ou “nacional” e que permanecem no ostracismo. Sem dúvida, Silva Freire é um deles e merece ser (re)conhecido.

#### **Referências Bibliográficas**

[1] FREIRE, Benedito Sant' Ana da S. *Paisagem além do homem*. Cuiabá: Igrejinha, [195-].

[2] \_\_\_\_\_. *Águas de visitação*. Cuiabá-MT: Edições do Meio, 1980.

- [3] \_\_\_\_\_. Depois da lição de abstração. Separata. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá, 1985.
- [4] \_\_\_\_\_. *Barroco branco*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso/Ed. Amazônide, 1989.
- [5] \_\_\_\_\_. *Trilogia cuiabana*. v. 1-2. Cuiabá-MT: EdUFMT, 1991.
- [6] \_\_\_\_\_. *A japa e outros croni-contos cuiabanos*. Cuiabá: Carlini&Caniato, 2008.
- [7] GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- [8] PINO, Wladimir Dias. *Nunca mais*. Rio de Janeiro: [s.n.], [19--]. (mimeo)
- [9] UFMT. Deptº de Letras. *Silva Freire – social, criativo, didático*. Cuiabá-MT: Imprensa Universitária, 1986.

---

### **Autora**

<sup>1</sup> **Maria Cristina de Aguiar CAMPOS, Profª Drª.**

Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (Cefet-MT).

E-mail: [crisag05@hotmail.com](mailto:crisag05@hotmail.com)